

Carlos Hypólito de Santa Helena Magno

O Governo de Sancho Pança

(Comédia em 1 Ato)

Novembro de 1865

Belém-Pará

Governo de Sancho Pança

(Comédia em 1 Ato)

Personagens:

SANCHO PANÇA – 30 anos

THEREZA – 35 anos, mulher de Sancho Pança

D. QUIXOTE DE LA MANCHA – 40 anos

MESTRE SALA – 25 anos

DR. PEDRO REZIO – 38 anos

LAVRADOR, ALFAIATE E O NEGOCIANTE.

(A ação passa-se em Madrid, no século XV)

O Teatro representa uma sala asseada com alguns móveis simetricamente dispostos. D. Quixote passeia conversando com Sancho Pança, enquanto o ouve e responde de um modo humilde e cortês.

CENA 1º

(D. Quixote, Sancho Pança e Mestre Sala)

D. QUIXOTE – Amigo Sancho tu és mais feliz do que eu. É que eu não tenho ainda chegado ao meio termo de muitas aventuras, e tu já estás feito Governador de uma ilha, como quem não quer nada. Olha Sancho, eu espero que venhas a ser um tão bom Governador quanto o tens sido bom escudeiro.

SANCHO – Está feito, meu amo, eu cá nesta ilha farei muito por ser um governador tal que apesar dos velhacos eu vá dar comigo no Céu.

D. QUIXOTE – Antes de começares as tuas ausências peço-te que abras o coração aos conselhos que te quero dar, pois sabes, filho, que os ofícios e grandes cargos nenhuma outra coisa são mais que um golpe profundo de confusões. Primeiramente deves fazer muito por conhecer-te a ti mesmo, para que não venhas a servir de irrisão a todos que se lembrarem de que guardaste um dia porcos em tua terra.

SANCHO – Não é capaz meu amo, isso foi quando eu era rapaz, que depois de ser já um homenzinho, a que guardei foram gansos e não porcos.

D. QUIXOTE – Mas isso lá transia-te, porque nem todos os que governam descendem da casta del' reis. Uma das coisas que te recomendo muito é que sejas asseado, nunca andes desapertado, cortes as unhas, porque o andar de unhas grandes é só próprio de animais imundos e não de homens.

SANCHO – Ora quem sabe se as ocupações dos negócios hão de dar tempo para coçar a cabeça, quanto mais para cortar as unhas. E Deus queira que eu me lembre destas bagatelinhas, pois do qual da primeira camisa que vesti... Só se eu levá-las por escrito, porém, infelizmente não sei ler...

D. QUIXOTE – Oh, pobre homem! Quão mal parece-nos governadores, o não saber ler, nem escrever! Hás de convir, Sancho, que o não saber ler, nem escrever uma de duas coisas argui: ou qual é filho de pais humildes e laicos, ou eles são travessos e

malcriados, que não pode tomar doutrina boa. Assim quisera que aprendesses ao menos a assinar- te.

SANCHO – Bem sei assinar meu nome: quando fui menino na minha aldeia, aprendi a fazer umas letras como rascunhos de ferro, as quais diziam meu nome. Enfim, sendo como sou governador desta ilha, farei o que quiser e não haverá que replicar.

D. QUIXOTE – Aconselho-te também, Sancho, que em tuas conversas não amontoes essa chusma de provérbios que costumás falar, pois que muitas vezes as trazes tão forçadas que me parecem disparates que sentenças.

SANCHO – Só Deus pode remediar, porque sei mesmo provérbios que um lério, e quando falo brigam uns com os outros para sair, e a língua vai arrojando os que encontra, ainda que não sejam a propósito. Todavia, eu tratarei de escolher os mais convenientes à grandeza de meu cargo, “que em casa cheia prestes de preparar a ceia, quem parte não batalha, a bom seguro está, a que se fica”. Tanto sabes quanto tens, e de homem arraigado não te serás signado.

D. QUIXOTE (*Admirado*) – Santo nome de Deus! Maldito Sancho, sessenta mil satanases te levem e a todos os teus sifões. Há uma hora que estás a atormentar-me a cabeça com esses sifões encapados a martelo... Não digo que sedes a desprezar o sifão quando vem a propósito, mas usar de uma enfiada deles torna a conversação ridícula.

SANCHO – Ora, senhor, que diabo de injúria lhe faço em usar de uma farda, quando não tenho outro cabedal senão sifões e muitos sifões?

D. QUIXOTE – Não passemos adiante, Sancho, se mal governares tua será a culpa e mais a vergonha. Mas enfim cumpro o meu dever aconselhando- te com todo o interesse e zelo. Deus te guie, Sancho, e a mim, me tire o receio de que em breve darás com arilha em pantana.

SANCHO – Se vos parece, senhor, que não tenho jeito para este governo, passo a renunciá- lo, apesar de já estar de posse das chaves da cidade. Se Vossa Excelência bem se lembrar, foi o que meteu- me nestas coisas de governar, para tanto sei eu de governo de ilhas como do que sai pelo mundo a esta hora. E se Vossa Excelência achar que por ser governador me há de levar o diabo, antes quero ir Sancho para o Céu, do que governador para inferno.

D. QUIXOTE – Por essas razões, meu Sancho, acabo de conhecer que tens muito miolo e entendimento para governares mil ilhas: tens boa índole, e abrandas sempre cada uma de tuas ações com desígnio de acertar, o Céu não deixará de favorecer-te. (*Abraçando a Sancho*). Adeus, Sancho, a que te recomendo é que sejas um governador brando, que te dobres às lágrimas dos pobres e aos conselhos das pessoas mais inteligentes que a ti.

SACHO – Lá de branduras ninguém é mais brando do que eu, lembre-se dos três mil e tantos açoites, que chupei, sem mesmo, nem menor, só para o desencanto de minha ama, a senhora Dulcineia de Tabosa.

D. QUIXOTE (*saindo*) – Até logo.

CENA 2º

(*Sancho e Mestre Sala*)

SANCHO (*Sentando-se e olhando atentamente para umas letras grandes escritas na parede, defronte de sua cadeira*) – O Sr. Mestre Sala, que pinturas são aquelas que estão na parede ?

MESTRE SALA – Senhor, ali está escrito o dia em que Vossa Excelência tomou posse da ilha, e disse assim: Hoje a tantos de salmera e de tal ansoo tomou posse desta ilha o senhor D. Sancho Pança.

SANCHO – E a quem chamam Dom Sancho Pança?

MESTRE SALA – A Vossa Excelência, porque é o primeiro Pança que se tem sentado nesta cadeira.

SANCHO – Pois olha, irmão, sabe que eu não tenho dom, nem em toda a minha geração o tem havido. De Sancho Pança me chamam desde que nasci! Sancho se chamou meu Pai, Sancho meu Avô, sem esses acréscimos de dons, nem donas. Ora, já estou vendo que deve haver aqui um formigueiro de dons, porém, se me aturar o governo hei de cavar todos esses dons mais enfadonhos que mosquitos.

MESTRE SALA – Senhor governador, lá vem dois homens requerer uma audiência a Vossa excelência.

SANCHO – Quem são eles?

MESTRE SALA – Um parece que é lavrador e outro alfaiate, pois trás uma tesoura na mão.

CENA 3º

(Sancho, Mestre Sala, lavrador e alfaiate)

ALFAIATE *(Entrando acompanhado do lavrador)* – Senhor governador, este bom homem chegando ontem á minha loja, meteu-me entre as mãos um pouco de pano para lhe fazer uma carapuça. Este pano chegara para uma carapuça, me disse ele: Eu medindo a palmo com os olhos, respondi-lhe que sim. Ora como ele imaginasse que eu lhe queria furtar algum retalho de pano, talvez, pela má fama que tem os alfaiates, replicou-me que visse bem se chegava para duas. Adivinhei-lhe o pensamento, respondi-lhe que sim, e deste modo cá ele multiplicando as carapuças e eu multiplicando as seis, até que chegamos a cinco carapuças, e neste momento aparece - me ele à cata delas. Dou-lhe-as e não me quer pagar o feitio, antes quer que lhe restitua o pano ou o seu valor.

SANCHO *(Ao Lavrador)* – É certo o que diz este homem, filho?

LAVRADOR – Sim, senhor, porém, mande Vossa Excelência apresentar-me as carapuças.

ALFAIATE – Pois não! De boa vontade (*tirando a mão do bolso apresentas as cinco carapuças nos cinco dedos*). Aqui tem as carapuças, senhor governador, e Deus sabe se eu roubei algum pedacinho de pano deste homem.

SANCHO (*Com gravidade*) – Este pleito senhores, não precisa delações, a coisa está muito clara, eu posso julgar inopinadamente, e assim, sentencio e mando que o alfaiate perca o feitiço, o lavrador o pano e as carapuças sejam levadas aos presos da cadeia, e, não há mais que replicar (*O Alfaiate e o Lavrador ficaram estupefatos, o Mestre Sala acompanha-os até a porta. Sancho permanece sentado na cadeira*).

MESTRE SALA (*voltando*) – Oh! Senhor Governador!

SANCHO – Que quer o senhor?

MESTRE SALA – Lá está uma senhora de tal Pança, que deseja falar-lhe.

SACHO (*Á parte*) – Aposto que é a minha Thereza (*alto*). Pode entrar mulher.

MESTRE SALA – Senhor governador, enquanto Vossa Excelência conversa com a sua cara metade, vou eu mandar preparar-lhe a comida, pois são quase horas de jantar.

SANCHO (*Rindo-se*) – Pois vá o senhor Mestre Sala preparar a mesa, ouso mesmo dizer aos médicos que a causa de muitas enfermidade é o trazermos muito tempo estômagos vazios.

CENA 4º

(*Sancho, Thereza*)

THEREZA (*Entrando*) – Que tens marido, estás tão alegre?

SANCHO – Minha Thereza, estou alegre, por que a fortuna tornou-se favorável aos meus desejos, e bem te dizia eu que quando menos cuidasse me acharia feito governador de uma famosa ilha.

THEREZA – Como? Governador? Não te entendo, marido, desde que entraste a ser membro da cavalaria, falas com tais rodeios...

SANCHO – E basta que Deus me entenda, mas o que te afirmo é que és mulher de um governador, e fique isto aqui.

THEREZA – Bem digo eu, marido, que os escudeiros de Cavaleiros andantes não comem o pão de seus amos, e assim ficarei pedindo a Nosso Senhor que te tire a salsa deste teu governo.

SANCHO – Digo-te, mulher, que se não pensasse governar bem esta ilha, antes de muito tempo aqui caíra morto.

THEREZA – Isso não, Sancho de minha alma, virão a galinha, e viva com sua peride: tu... E leva o diabo a quantos governos há no mundo. Vossa Excelência, porém, que não te esqueça de mim e de meus filhos, se o teu governo vender alguma coisa. Ao verte que Maria Sancha não mesmo será se a casarmos.

SANCHO – Olha tu, se eu durei tanto tempo no governo, que de alguma coisa, eu casarei também Maria Sancha que ninguém a nomeie senão com uma Senhoria...

THEREZA – Isso não Sancho há de casá-la com um homem igual a Maria, que é o mesmo acertado, porque se de um tudo passas a um dom e a uma senhora, leva o diabo a rapariga, a cada passo caíra em mil defeitos mostrando que é muito grosseira e tapada.

SANCHO – Cala-te, tola, que tudo se vence com dois anos de prática, no fim das quais ande assentar-lhe bem uma senhorita, e quando assim não seja, que importa isso? Seja ela senhora, e venha aqui ver.

THEREZA – Nem falar nisso é bom, Sancho: lembra-te do refrão que diz: os filhos do teu vizinho limpa-lhe o nariz e mete-o em casa. Então é bonito casar a nossa Maria com algum Cavaleirote quando lhe dê na veneta a descomponha de aldeã, filha deste ou daquela outra? Trazes, tu disse e deixa-me casá-la por minha conta. La está Lopo Tocho, moço roliço e de bom humor, aquele não olha com maus olhos, para a rapariga, e com ele que é mesmo igual ficara ela bem casada. Mas agora casá-la tu nesse grande palácio, onde não a entendam a ela, nem ela se entenda com ninguém, isso é uma doidice, uma loucura.

SANCHO (*Levantando-se*) – Vem cá besta, mulher de satanás, porque queres tu agora sem que nem fique, estoças-me que não case a minha filha com quem me dê netos que tenham uma senhoria? Olha Thereza, sempre ousei dizer as velhas que é bem fato quem se não aproveitar da velúria. Não vês toileisona, que depois de dar com o corpo num governo lucrativo, que nos há de tirar do lado, tenho a liberdade de casar minha filha com quem quiser? Em si mesma, mulher, não te digo nada, mesmo em breve há de ser como te chamam a Sra. Dona. Thereza Pança, e tu andarás repinada sobre alcatifas e almofadas com viceja das outras fidalgas. A napa Sanchinha há de ser condição, por mais que tu me digas.

THEREZA – Vê bem o que dizes marido, olha esse condado de minha filha há de ser a sua perdição. Que tu a faças Duquesa, quer Princesa, o que te sei dizer é que não há de ser por sorte, nem consentimento meu. Thereza foi o nome que me deram no batismo limpo e seco, sem acréscimo nem guardapizas, e muito menos com esquifes de dons.

SANCHO – Por Deus, se eu abrir alguns cofres, demais a que o meu governo preste para alguma coisa, a mulher de um governador não há de andar com a saia na cabeça feito manto. Eu te mandarei num belo coche para que não venhas a pé, emporcalhando-te na lama.

THEREZA – Vai passando, meu marido, no teu governo e entona-te a teu gosto, que nem eu, nem a minha filha, por vida de meu pai, que não descansa um passo fora de nossa aldeã: a mulher honrada, perna quebrada em casa, e a donzela honesta trabalhar é a sua festa.

SANCHO – Agora, Thereza, digo-te que tens algum duende nesse corpo. Valha-te Deus, mulher! Que tem essa embrulhada de rifões e entonamentos com aquilo que te digo? Vem cá tola e ignorante, por assim te passo a chamar, se eu dissesse que minha filha se despenhasse de uma tosse, vazão tinha para não convir no meu gosto, mais se de duas palhetadas e num abrir e fechar de olhos, eu querer por a minha filha com uma senhoria às costas, e tirar-te dessa baixeza da aldeã para morares aqui, acompanhada de criadas e grande pompa, por que não hás de concordar comigo?

THEREZA – Faz o que quiseres, marido, e não me quebres a cabeça com as tuas ansengas e sentenças. E se estás resolvido a fazeres o que dizes...

SANCHO – Resolvido hás de dizer e não resolvido.

THEREZA – Não te ponhas a argumentar comigo, marido, eu falo como Deus é servido, e não me meto em muitos debusos. Adeus Sr. Governador, fique-se no seu governo que eu vou- me embora.

SANCHO – Adeus, madame Thereza... Oh! Céus! Então assuntamos em que a nossa filha há de ser condeção?

THEREZA (*Voltando a cabeça*) – No dia em que a vir condeção farei de conta que a enterram. Mas enfim façás o que for de teu gosto.

SANCHO – Está bem minha mulher, bem cedo te mandarei buscar pela pasta, e te remeterei dinheiro, pois nunca falta, quanto a empréstimo aos Governadores o não tem. (*Thereza retira-se pelo fundo e o Mestre Sala entra imediatamente*).

CENA 5º

(*Mestre Sala e Sancho*)

MESTRE SALLA (*Entrando*) – Senhor Governador, o jantar está na mesa?

SANCHO – Vamos a isso, senhor, que hoje estou de bom apetite (*retira-se por detrás do cenário onde ouve o tinir dos pratos*).

(*No mesmo instante aparece na porta um homem em traje de Negociante*).

CENA 6º

(Mestre Sala, Negociante, mais tarde Sancho)

NEGOCIANTE *(Batendo palmas)* – Está em casa o Senhor Governador?

MESTRE SALA – Sim Senhor, mas agora está jantando.

NEGOCIANTE – *(No limiar da porta)* – Tenha a bondade de chamá-lo preciso falar-lhe sobre negócio grande, que não admite delação.

MESTRE SALA *(Aproximando-se da porta do fundo)* – Oh! Senhor Governador.

SANCHO – Que é isso lá?

MESTRE SALA – Está aqui um negociante que quer falar a Vossa Excelência num negócio, se quando diz, de muita importância.

SANCHO *(Levantando-se da mesa e aparecendo com ar zangado, e ainda mascando)* – É possível que sejam tão néscio que devem de ser símiles horas como estas são sim próprias para vir negociar? Por ventura não somos homens de carne e ossos os que governamos? Não necessitamos de que nos deixem descansar o tempo que a necessidade pede? Querem à força que sejamos feitos de pedra e não de bronze! *(Sentando-se)* – Quem é esse Senhor que quer falar-me, queira Deus não seja algum espião?

NEGOCIANTE *(Entrando)* – Quem aqui é o Senhor governador?

MESTRE SALA – Quem nos há de ser senão o que está sentado naquela cadeira?

NEGOCIANTE *(Fazendo mesuras)* – Na vossa presença me humilho *(avançando para Sancho, forceja para beijar-lhe as mãos, a que ele recusa secamente)*.

SANCHO – Diga o Senhor o que quer, e deixe logo as cerimônias.

NEGOCIANTE – É pela casa Senhor, eu sou casado à face da Santa igreja, tenho dois filhos estudantes, um estuda para médico e outro para licenciado, sou viúvo, porque minha mulher morreu, ou para melhor dizer, um mau médico a matou.

SANCHO – Sem dúvida se vossa mulher não morresse não seríeis vos sois hoje nisso?

NEGOCIANTE – Não Senhor.

SANCHO – Bom, continua filho, que a hora é mais para pintar do que para negociar.

NEGOCIANTE – Assuntou para este meu filho, que há de ser médico algum dia, de casar com uma donzela chamada Clara Pesolinha, filha de André Pesolinho. A rapariga, Senhor, é uma pérola oriental, vista pelo lado direito parece uma flor do campo, pelo esquerdo não parece tanto, por que lhe falta o olho desta parte, além disso, tem no rosto umas cavas de bexiga, mas dizem as que lhe querem bem que essas cavas são sepulturas onde se sepulta as almas de seus amantes. Tão asseada é ela que para não sujar a casa,

trás o nariz arregaçado, o que não parece outra coisa senão uma quilha que sou fugindo da boca, e ainda assim é bem parecida porque tem a boca grande, e senão dez ou doze dentes não haveria outra mais bem feita. Perdoe o Senhor Governador ser um tão merecido em pintar a beleza da qual primeiro virá a ser minha filha, pois quero- lhe bem não me parece mal.

SANCHO – Pintar o que quiserdes, que estou me recriando com a pintura e não haveria melhor sobremesa se eu já tivesse comido.

NEGOCIANTE – Quanto à altura, senhor, não se pode desenhar neste ponto a gentileza da menina, porque anda sempre de casacas, de meias que ajunta os joelhos com a cabeça, mas, contudo deixe-a ver que se pudesse levantar-se daria com a cabeça no telhado.

SANCHO – Pois bem, filho, faça de conta que já o tendes pintado desde o pé até a cabeça, direi agora o que quereis sem usar de muitos rodeios.

NEGOCIANTE – Queira que Vossa Excelência me desse uma carta de recomendação para meu consogro, afim de que apressasse este casamento.

SANCHO – Queirais mais alguma coisa?

NEGOCIANTE – Queria outra coisa, e não me atrevo a dizê-la, mas vá, que enfim não me há de apodrecer no peito, que pegue quer não. Queria, senhor governador, que me dê 300 ou 600 ducados para ajuda do dote de meu filho, porque hás viver sobre si, sem estar sujeito as impertinências de seus sogros.

SANCHO (*Levantando-se e lançando mão à cadeira em que estava sentado*) – Oh! Rústico, malcriado! Não sei onde estou que te não parto a cabeça com esta cadeira. Valha-te não sei que diga, velhaco, pintor do mesmo demônio! Nestas horas vir pedir-me seiscentos ducados! Não há ainda um dia que estou de posse do Governo e já querem que tenha 600 ducados?

(*Mestre Sala acena ao Negociante para retirar-se e este some-se da sala*)

SANCHO (*Continuando*) – Vai-te daqui, desalmado, senão dou-te a minha palavra que farei o que tenho dito. (*ao Mestre Sala*) – Agora tem lugar de bicar alguma coisa de substancia enquanto estou livre desses marotos que querem tirar o meu estômago de seu costume (*Retirando-se para dentro*).

CENA 7º

MESTRE SALA (*Só, a parte*) – Nascendo este Senhor governador é um homem bem singular: umas vezes um varão discreto, decidindo como o melhor acerto as questões por mim encaminhadas, outras vezes um louco perfeito que diz tanto disparates e besteiras...

SANCHO (*Voltando precipitadamente*) – Mestre Sala, quem deu ordem para tirar a mesa? Por ventura eu já jantei? Tenho acaso estômago de mármore e barriga de bronze?

MESTRE SALA – Disso lá não sei, senhor governador, mas bem me parece, deve ser o médico de Vossa Excelência o que mandou tirar a mesa.

SANCHO (*Zangado*) Que médico é esse?

MESTRE SALLA – O Dr. Pedro Rezio.

SANCHO – Pois ide já e já chamar-me esse selhação.

MESTRE SALLA (*Saindo*) – Sim Senhor.

SANCHO (*Aparte*) – Pelo que sei tenho de deixar bem cedo esse governo, porque é tão pobre que nem ao menos dá para comer. Canalha! Sejam lá quem não quer, sem matar de fome um simples Sancho, menos um governador, a tão autoridade da ilha bastaria!

CENA 8º

(*Mestre Sala, Sancho e Pedro Rezio*)

PEDRO REZIO (*Cumprimentando*) – Senhor Governador, as suas ordens.

SANCHO – Como se chama meu doutor? Onde estudou?

PEDRO REZIO – Eu, Senhor Governador, chamo-me Dr. Pedro Rezio de Agouro, sou natural de um lugar chamado Tiszefora, e graduado em Asseima.

SANCHO – Pois vá-se já de minha presença, o Sr. Pedro Rezio de mal Agouro, natural de Tiszefera, se não quer que tomado de um chicote comece por ele e não deixe um só médico em toda a ilha, pelo menos daqueles que entender que são ignorantes, para os médicos sábios e discretos todos porei sobre minha cabeça e as honrarias como sujeitos divinos.

PEDRO REZIO (*Assustado*) – Mas, Senhor Governador, atenda Vossa Excelência a razão...

SANCHO (*Com furor*) – Qual razão que meia razão! Vá-se daqui Sr. Pedro Rézio, se não quer que com esta cadeira em que estou sentado lhe faça a cabeça em pedaços, e que senão deixo tomar-me conta disso, que a desculpa tenho eu em dizer que fez serviço a Deus, matando um mau médico, verdugo da república.

PEDRO REZIO – Eu sou médico, senhor, e nesta ilha me pagam salário para o ser dos governadores dela e olhando a saúde deles muito mais que a minha, estudando dia e noite, e examinando a complicação do governador para acertar na cura dele, quando caí enfermo.

SANCHO (*Franzindo a testa*) – Eu bem não entendo, amiguinho então aquela comida era para se ver com os olhos e comer com a testa?

PEDRO REZIO – Senhor Governador, acredite-me que não havia em todas as iguarias daquela mesa, uma só que fosse mais proveitosa e menos nociva à saúde de Vossa Excelência. Assim mandei deixar sozinho o prato de coelhos guisados, por ser comida

difícil de digerir-se. Não consente também que Vossa Excelência comesse alhos podres, porque não há coisa no mundo de pior alimento do que usar o alho podre. Da mesma sorte mandei tirar da mesa muito outros guisados, ou demasiadamente quentes, ou demasiadamente frias, para entender que podiam fazer lhe danos e ser prejudicial ao estomago.

SANCHO (*Com resolução*) – Pois bem, uma vez que me não querem dar de comer, vou-me embora, hajam de lá com o seu governo, que ofício que não dá para comer a quem o serve, não sabe um fio podre. De mais eu não nasci para ser governador de ilhas. Quero antes fartar-me com umas sopas de alho do que estar sujeito à miséria de um médico impertinente que me mata de fome.

PEDRO REZIO – Não senhor governador, no que respeita a comida prometo a Vossa Excelência de emendar-me, deixando-o comer com abundância, de tudo o quiser.

SANCHO – Tarde piache, meu caro Senhor, e eu deixarei de ir-me como tornar-me Turco. Estas mazelas não se fazem duas vezes. Sou da descendência dos Panças, as que todas são cabeçudas, e de uma vez dizem nomes, nomes há de ser ainda que sejam pares, apesar de todo o mundo.

MESTRE SALA (*Com tom de afagar*) – Oh! Senhor governador, não faça tal custa, mas enquanto a perdê-lo, o seu engenho e descrição merecem a desejá-lo.

PEDRO REZIO – É provável, meu Deus que percamos a ajuda, *fleur* dos governadores?

SANCHO (*Despedindo-se*) – Fiquem-se vós micês com Deus, e digam a todos os habitantes da ilha que nu nasci, nu me acho, nem perco, nem ganho, quero dizer que sem nada entrei para este governo, sem nada saio, bem pelo contrário do que sucede aos governadores de outras ilhas (*acenando com a mão*). Adeus! Adeus!

(*Cai o pano*)

FIM